

Para compreender o papel da *fortvna* no destino do império em Amiano Marcelino

Pedro Benedetti*

Resumo: Este artigo tem como objetivo elucidar o papel da deusa Fortuna e suas atribuições no curso dos acontecimentos narrados na obra de Amiano Marcelino. Primeiramente situaremos o autor num contexto de produção literária do tipo historiográfico na Antiguidade Tardia. Depois buscaremos determinar em que medida historiadores clássicos influenciaram sua escrita, sua narrativa e seu pensamento histórico. Tendo feito isso, analisaremos as mudanças das características e dos domínios da Fortuna até a Antiguidade Tardia e, por fim, ao conjugar esses elementos, buscaremos compreender como essa divindade surge em sua obra como força motriz que influenciou em certos acontecimentos marcantes para o Império Romano tardio.

Palavras-chave: Amiano Marcelino. História Antiga. Historiografia Tardoantiga. Antiguidade Tardia. Fortuna.

Abstract: This article aims to elucidate the role of the goddess *Fortuna* and her attributes in the course of the events described by Ammianus Marcellinus. First, we will situate the author's place on a context of historiographical production in Late Antiquity. Secondly, we will try to determine to what extent classical historians influenced his writing, his narrative and his historical thought. Afterwards, we will analyze the transformation of the qualities and domains of Fortune up to the Late Antiquity and, lastly, by coordinating such elements, we will attempt to comprehend how this deity emerges in Ammianus' work as a motive power that influenced in some of the most remarkable events of the Late Roman Empire.

Keywords: Ammianus Marcellinus. Ancient History. Late Antique Historiography. Late Antiquity. Fortune.

* Bacharel e Licenciado em História pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Antropologia e História da Antiguidade pela Université Paris 1 Panthéon – Sorbonne, membro do Grupo de Estudos LATIVM – UFU e da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Email: benedetti190@hotmail.com

1. Amiano Marcelino, uma voz dissonante?

Embora seja deveras difícil fornecer uma datação precisa da obra de Amiano Marcelino, ou se ela foi escrita em dois momentos diferentes¹, é seguro afirmar que o historiador grego teria escrito sua obra monumental em 31 livros em latim nos anos 390, indubitavelmente durante os anos do último imperador a ter o poder sobre o Império Romano em sua totalidade; Teodósio, cujo reinado foi marcado por muitas e profundas transformações políticas e culturais.

A produção histórica em latim há muito se encontrava adormecida. Tácito parece ter sido o último dos grandes historiadores latinos até aquele momento. Com efeito, quem se ocupava deste tipo de escrita eram senadores aposentados ou afastados da vida pública (Catão, Calpúrnio, César, Salústio, são apenas alguns dos inúmeros exemplos notáveis) que discorriam sobre sua época ou algum período imediatamente anterior, tendo em vista suas glórias e as de sua linhagem, ou mesmo com o intuito de justificarem seus erros através de suas narrativas. Ocorre que, depois do advento do principado, quando a tomada de decisões passou a não lhes caber mais como outrora, e com a perda acentuada deste poder a cada década, o interesse por esse tipo de literatura começou a decair.

No mundo grego, ao contrário, a escrita da História continuou pungente, alicerçada em outras raízes. Tucídides, Heródoto e Políbio continuaram sendo modelos indelévels para eminentes historiadores que surgiram durante o principado. Seus objetivos com esse tipo de literatura não eram os mesmos daqueles que a praticavam em latim, buscava-se com a História o deleite literário, mover as paixões humanas² ou mesmo – como no caso de Políbio – buscar um entendimento pragmático de um acontecimento marcante numa conjuntura histórica.

Por isso, a historiografia grega independia da primazia de uma classe política, e assim o mundo grego continuou a produzir eminentíssimos historiadores durante todo o período do principado; de Arriano de Nicomédia com sua História de Alexandre e das províncias a Públio Herênio Dexipo, autor das *Scythica* e *Parthica*, e seu continuador Eunápio de Sardis. Dignos de nota são também os escritores cristãos, como Sexto Júlio Africano e Eusébio de Cesareia, que se aventuravam, em meados do século III, a escrever suas histórias universais ou histórias eclesiásticas em grego³.

A estabilidade política e econômica que o Império Romano conheceu depois das reformas de Diocleciano e, principalmente, durante o longo reinado de Constantino, permitiu um

¹ Faço uma síntese dessa discussão na introdução de minha tradução ao Livro 31, em vias de ser publicado.

² Luciano, *Heród.* 1; 2 conta como Heródoto compareceu aos jogos olímpicos, onde “recitou suas *Histórias* e encantou seus ouvintes (ἄδων τὰς ἱστορίας καὶ κηλῶν τοὺς παρόντας)”, tendo ficado por isso famoso em toda a Grécia. Foi dito posteriormente por Fócio, *Bibl.* 60 e Suidas, *Thucydides* que o próprio Tucídides, quando jovem, estaria presente com seu pai na ocasião da recitação do trabalho de Heródoto em Olímpia. Comovido pela declamação, ele teria caído em prantos.

³ BROWNING, R. “History” in: KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (eds.) *The Cambridge History of Classical Literature*. Vol. 2. Cambridge, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sidney: Cambridge University Press, 1982, pp. 732 – 734.

renascimento da literatura latina durante o século IV. No entanto, no campo da produção historiográfica, essa recuperação foi mais lenta e deveu-se a uma circunstância bastante peculiar; ao fato de que os altos oficiais e funcionários do Império depois de meados do século IV, ainda que não fossem bárbaros iliteratos, eram oriundos, em grande parte, da pequena elite das cidades do Império na fronteira danubiana⁴ e tinham uma educação incompleta⁵, de modo a terem poucos deles se aprofundado nos estudos das Artes Liberais, às quais preferiam a experiência militar. Esses indivíduos tinham, então, uma concepção de mundo provinciana e particularmente local; e essa nova elite governante precisava ser lembrada da grandeza e das glórias passadas do império que administrava⁶.

Neste ínterim surge o *Breviário de História Romana* (*Breviarivm Historiae Romanae*) de Eutrópio, um compêndio de dez livros curtos, escritos durante o reinado de Valente, e que contam a história de Roma desde sua fundação até a ascensão deste imperador. Festo também compõe seu *Breviário dos Feitos do Povo Romano* (*Breviarium Rerum Gestarum Populi Romani*) na mesma época, um compêndio bem menor que o de Eutrópio – apenas trinta parágrafos – que trata desde a fundação da *Vrbs* até os preparativos para a campanha de Valente contra os Persas em 369. Eutrópio e Festo têm muito em comum: homens claríssimos, ambos foram *magistri memoriae*⁷ de Valente, cujos trabalhos foram encomendados pelo imperador para sua própria instrução.

Outros trabalhos dessa natureza – resumos que abrangiam um longo intervalo de tempo em curto espaço – foram escritos nesse período, embora não tenhamos tantas informações sobre eles como temos para as duas obras supracitadas. Aurélio Vitor compôs em 360, sob o reinado de Juliano, seu *Livro dos Césares* à maneira de Suetônio, uma série de 42 curtas biografias imperiais – de apenas um parágrafo cada – de Augusto a Constâncio II. Tudo indica que o célebre historiador e homem público de carreira brilhante⁸ quis, ao escrever sua obra, fazer um pequeno tratado político e moral dirigido aos homens de poder⁹. A obra, no entanto, não parece ter sido redigida a pedido de Juliano, financiada por ele ou mesmo dedicada ao imperador.

⁴ Como é o caso dos próprios imperadores Valentiniano e Valente, que faziam parte do Estado-maior de Juliano (r. 360 – 363) e nasceram em Cibalae, atual Vinkovci na Croácia.

⁵ Am. Marc. XXXI, 14, 8 afirma que Valente era “inconsumado e rude (*inconsummatus et rudis*)”, de maneira que devemos entender que sua educação não se deu em sua completude, fazendo dele um cidadão incompleto na visão do historiador.

⁶ BROWNING, R. *art. cit.* p. 735 – 736.

⁷ Oficiais encarregados de receber as decisões do imperador e comunicá-las ao público ou a quem eram endereçadas. Embora saibamos muito pouco da carreira de Festo, um dos manuscritos que contém sua obra (Codex Bambergensis E III 22) nos informa sobre sua posição.

⁸ Depois de ter sido governador da Panônia Segunda, ele foi prefeito de Roma em 388/9. É possível que Amiano Marcelino, pelo elogio que lhe faz Am. Marc. XXI, 10,6, o tenha conhecido.

⁹ DUFRAIGNE, P. *Ed. Aurelius Victor*. Paris: Les Belles Lettres, 1975, p. XXV

O *Epítome dos Césares*, obra anônima que durante muito tempo foi erroneamente atribuída a Aurélio Victor, é um resumo ainda menor que o texto desse autor escrito provavelmente pouco após a morte de Teodósio. Sua narrativa trata dos reinados de Augusto a Teodósio em 48 curtas notícias que parecem também ter um sentido moral ao enunciar os vícios e virtudes de cada um desses imperadores. Mesmo a hipotética *Enmannsche Kaisergeschichte*¹⁰, que teria sido uma coleção de biografias imperiais escrita provavelmente pouco após a morte de Constantino, da qual vários dos autores citados podem ter tirado muitas informações para seus compêndios, não parece ter sido uma obra de muita complexidade literária.

Essa nova forma de escrever a História para a elite dirigente encontrou terreno fértil durante muito tempo nos salões de Roma, pois o próprio imperador Teodósio era um entusiasta e ávido leitor do gênero¹¹. Surge então um círculo social em Roma – principalmente composto por membros das famílias dos Nicômacos e Símacos, em sua maioria pagãos – interessado em preservar um patrimônio cultural antigo que se via ameaçado pelos avanços do cristianismo como cultura dominante que permeava cada vez mais os lugares de poder na Antiguidade Tardia. Neste círculo de homens políticos ilustres, Vírio Nicômaco Flaviano escreveu seus *Anais*, hoje perdidos. É difícil conjecturar a extensão dessa obra ou suas características narrativas e estilísticas, mas é possível que, pelo seu nome, ela siga os passos de Tácito. Sabemos por uma inscrição¹² que Nicômaco Flaviano havia dedicado os escritos ao imperador Teodósio, ainda que tenha ficado ao lado do usurpador Eugênio, tendo se suicidado depois de sua derrota.

Esse círculo social foi responsável pela preservação de obras clássicas importantíssimas, como as de Tito Lívio, Marcial e Apuleio. Pretextato, Símaco e Flaviano são os personagens centrais das *Saturnálias* de Macróbio, que descreveu posteriormente os líderes desse movimento intelectual pagão, em que se discutia muito filosofia e religião¹³. Amiano tece em suas *Res Gestae* generosos elogios a alguns desses personagens¹⁴, o que nos faz crer que ele tivesse sido acolhido nesse meio não apenas por ser um historiador e ex-soldado de alta patente, mas principalmente um

¹⁰ Essa hipotética fonte explicaria as similaridades entre Aurélio Victor, Eutrópio, Festo, Jerônimo, a História Augusta e, em certa medida, o Epítome dos Césares. Originalmente essa hipótese foi exposta em ENMANN, A. "Eine verlorene

Geschichte der römischen Kaiser und das Buch de viris illustribus urbis romae." in: *Philologus*. N° Supplement-Band 4, Heft 3, 1884, pp. 337 – 501. Um estudo recente e bastante elucidativo é BURGESS, R. W. "A Common Source for

Jerome, Eutropius, Festus, Ammianus, and the *Epitome de Caesaribus* between 358 and 378, along with Further Thoughts on the Date and Nature of the *Kaisergeschichte*." in: *Classical Philology*, vol. 100, n° 2, 2005. pp. 166 – 192. É

possível também que a anônima *Origo Constantini Imperatoris* seja a última parte desse texto perdido, segundo

ZECCHINI, G. "L'origo Constantini Imperatoris". in: ZECCHINI, G. *Ricerche di storiografia latina tardoantica*. Roma: Bretschneider, 1993. p. 29 – 38. Alguns estudiosos, no entanto, não estão convencidos da existência do documento.

¹¹ *Epit. de Caes.* 48, 12.

¹² *CIL* VI, 1783 = *ILS* 2948 = *AE* 2004, 193.

¹³ TAPLIN, O. *Literature in the Greek and Roman Worlds: A New Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p.

537.

¹⁴ *Am. Marc.* XXI, 12, 24 e XXVII, 3, 3; 9, 8.

pagão conhecedor dos clássicos latinos. Ainda que esse hipotético círculo de amizades de Amiano tenha sido posto em xeque por muitos historiadores renomados¹⁵, é importante ressaltar que este é o contexto no qual ele escreve: uma época em que abundam breviários e epítomes escritos para a instrução de uma elite dirigente inculta, mas que vê o surgimento de um meio cultural propício para a recepção de uma longa obra historiográfica da complexidade literária, estilística e narrativa de suas *Res Gestae*.

2. Causalidade e ação divina: a herança clássica de Amiano.

E tendo seguido o costume dos contadores, que exprimem grandes somas com poucos algarismos, **enunciarei os fatos, mas não os elucidarei. Receba, portanto, aquilo que foi brevemente compilado em assertivas mais concisas**; não tanto para que recite para si, glorioso imperador, mas para que percebas o encadeamento dos anos, dos fatos do tempo passado e a idade da República. (FESTO, *Breviário*, 1)¹⁶

De todas as maneiras pude buscar a verdade, narramos essas coisas depois de expormos a ordem das diversas desventuras, que me foram permitidas ver pela idade, ou saber ao interrogar rigorosamente os envolvidos no meio, (...) em nada temendo os críticos à longa obra, **pois a brevidade deve ser louvada quando rompe delongas inoportunas sem que em nada subtraia do conhecimento dos fatos**. (AMIANO MARCELINO, XV, 1,1.)

O contraste entre as duas passagens em negrito é marcante e nos mostra como essas tradições se diferem com relação aos mais diversos aspectos. Metodologicamente, o exórdio da obra de Festo deixa claro que o texto que segue é uma compilação e que sua preocupação é apenas colocar os eventos históricos enumerados em ordem cronológica, ao passo que Amiano Marcelino, ainda que também se preocupe com a ordem dos acontecimentos que narra, compõe seu texto com base em diversos relatos colhidos exaustivamente. As suas *Res Gestae* são repletas de descrições geográficas, etnográficas, digressões morais, paralelos históricos e explicações sobre a origem dos mais diversos eventos catastróficos ocorridos no curso da história de Roma. Amiano é o ponto fora da curva, o “historiador solitário” – como o chama Arnaldo Momigliano num famoso artigo de 1974 – parece preocupar-se principalmente em explicar à luz da tradição clássica, na qual ele busca inserir-se, uma série de eventos e suas causas, que, a princípio, parecem desconexos e confusos; já que nos 60 anos anteriores o Império Romano passara por uma série de convulsões políticas, sociais e militares.

Deste contraste, podemos concluir que de nada serve buscar as influências no pensamento histórico dos abreviadores, uma vez que não há intenção de buscar razões ou explicações para os

¹⁵ Notavelmente CAMERON, A. “The Roman Friends of Ammianus” in: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 54, 1964, pp. 15 – 28.

¹⁶ Todas as traduções e grifos nesse artigo são do autor, salvo indicação contrária.

mais diversos fenômenos históricos enumerados; ao passo que só podemos compreender a essência da obra de Amiano Marcelino se identificarmos precisamente em qual tradição ele apoia a sua compreensão do processo histórico. Assim, se para outros aspectos da obra do historiador grego nossas informações minguem, a tarefa de identificar quais foram as influências em seus escritos se torna difícil pelo motivo oposto: a quantidade de referências aos clássicos é excepcional. Cícero é citado pelo menos trinta vezes em suas *Res Gestae*; o historiador repete ou adapta Terêncio, Salústio, Virgílio, Tito Lívio, Aulo Gélvio, além de encontrarmos ecos de Valério Máximo, Cúrcio Rufo, Sêneca, Floro, Apuleio, Horácio, Ovídio, Lucano, Valério Flaco e Sílio Itálico¹⁷.

Com efeito, a tradição latina se encontra bem representada em sua obra, e não haveríamos de esperar diferentemente, uma vez que Amiano escreve em latim e recita sua obra em Roma. Mas o quanto o historiador deve à historiografia latina? Certamente, sua obra não pode ser comparada com a coleção de biografias imperiais de Salústio, pois embora ele se preocupe com alguns episódios da vida dos imperadores e faça pequenas notícias sobre eles, esse não é o objetivo principal das *Res Gestae*. Amiano, inclusive, critica duramente os membros da elite de sua época, que “odeia o aprendizado como veneno, e [só] leem com cuidadoso afínco Juvenal e Mário Máximo [continuador de Suetônio]”¹⁸, deixando assim a entender que tal tipo de escrita não passaria de “fofoca”, algo que em nada contribui para o conhecimento da História.

A *sphragis* de Amiano Marcelino é bastante reveladora. Nela, podemos ter noção da dimensão de sua obra: uma história que narra os acontecimentos da ascensão de Nerva em 96 até morte de Valente em 378. Isso fez com que muitos historiadores vissem em Amiano um continuador de Tácito, que escreveu suas *Histórias* até a elevação do primeiro dos antoninos ao augustato, já que era costume para os antigos historiadores tentarem assegurar seu lugar na tradição começando sua obra a partir do ponto de chegada de seus predecessores. John C. Rolfe, autor da tradução inglesa de 1935, cogitou até mesmo que a obra teria originalmente se chamado *Histórias a partir do término de Cornélio Tácito (Res Gestae a fine Corneli Taciti)*. No afã de confirmar a teoria de que Amiano teria se incumbido de continuar uma tradição historiográfica adormecida desde Tácito, estudiosos buscaram incessantemente paralelos entre os dois.

Em verdade, se analisados meticulosamente, muitos dos paralelos encontrados não passam de lugares comuns historiográficos encontrados também em Salústio e Tito Lívio, fazendo com que boa parte da crença atual nessa teoria seja embasada mais na autoridade dos grandes manuais sobre o tema que na verificação empírica¹⁹. Embora o vocabulário e a maneira de descrever indivíduos de Amiano sejam taciteanos, tudo indica que sua influência termina aí. Ainda que realmente pareça

¹⁷ BARNES, T. D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998, p. 193.

¹⁸ Am. Marc. XXVIII, 8, 14.

¹⁹ KELLY, G. *Ammianus Marcellinus: The Allusive Historian*. Cambridge: University Press, 2010. p. 351.

que o historiador tenha tido a intenção de começar sua obra a partir do término da obra de outro grande historiador latino, Amiano o fez de maneira muito peculiar, apoiando-se em outra tradição.

Grandes estudiosos como Matthews e Barnes²⁰ perceberam, graças ao seu conhecimento da tradição historiográfica grega, que Amiano escreve sua obra por um viés helênico, fazendo assim uma grande síntese entre essa forma de escrita da História com a língua latina. Em verdade, desde Heródoto não se via uma história escrita com tantas digressões, que visavam a explicar os mais diversos fenômenos. Parece bem claro que Amiano se apoia em Heródoto em muitas de suas passagens, seja quando ele descreve os povos da Ásia central ou ao comparar alguns eventos de sua época com fatos da antiguidade helênica, como a travessia do Ponto²¹.

Dizer, contudo, que Amiano usa Heródoto como modelo para sua obra, é algo de certo modo precipitado. Sua narrativa, em que a marcação temporal ocorre através da menção às estações do ano, aproxima-se muito mais da de Tucídides e de Políbio, bem como suas constantes assertivas de que sua História se preocupa com a busca pela verdade e seu constante afastamento de qualquer construção textual que possa ser considerada panegírico ou fantasia. Na verdade, é inescapável ao leitor atento de Tucídides a semelhança entre a passagem de Amiano citada no início desse item e uma passagem de sua obra que reflete as mesmas preocupações:

Quanto aos fatos da guerra, considere-me meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. (TUCÍDIDES, I, 22)²²

Talvez seja nesse parágrafo e no anterior de sua *História da Guerra do Peloponeso* que encontramos a crítica mais dura de Tucídides ao método historiográfico de Heródoto. Para ele, as obras dos logógrafos buscavam mais “agradar aos ouvidos que de dizer a verdade (...). Eles, em sua maioria, enveredaram, com o passar do tempo, para a região da fábula, perdendo, assim, a credibilidade.”²³ De fato, embora estudos recentes tenham percebido relações positivas entre os dois historiadores para além da pura antítese²⁴, seu rompimento com Heródoto nesse sentido é marcante; a narrativa de Tucídides se desenrola quase que sem a presença ou interferência de deuses, oráculos ou profecias²⁵. A ação humana, planejada ou intempestiva, parece ser antes de qualquer coisa a

²⁰ MATTHEWS, J. *The Roman Empire of Ammianus*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989, pp. 452 – 472 e BARNES, T. D. *Op. Cit.* pp. 65 – 78.

²¹ Am. Marc. XXXI, 4, 7 faz alusão a Heród. VII, 60.

²² Tradução de Mário de Gama Kury.

²³ Tuc. I, 21. Além disso, no final do parágrafo 22, ele faz uma referência à leitura de Heródoto durante as Olimpíadas ao dizer que sua obra “não é uma composição a ser ouvida apenas no momento da competição por algum prêmio.”

²⁴ Z. ROGKOTIS. “Thucydides and Herodotus: aspects of their intertextual relationship.” in: RENGAKOS, A. e TSAKMAKIS, A. *Brill’s companion to Thucydides*, Boston, Leiden: Brill, 2006. pp. 57 – 86.

²⁵ FINLEY, M. I. “Introduction.” in: THUCYDIDES. *History of the Peloponesian War*. Translated by Rex Warner. Londres: Penguin Classics, 1972. p. 14.

força motriz mais forte no decorrer da História para ele. Na obra de Heródoto, no entanto, a vontade dos deuses, ainda que não nomeados, e os oráculos e portentos são cruciais para a compreensão dos eventos relatados²⁶.

Isso fica muito evidente no relato que Tucídides faz da grande peste – provavelmente uma epidemia de febre tifoide – que assolou Atenas durante o cerco espartano em 430 – 427 a.C. Apesar de seu relato apaixonado e extremamente detalhado do flagelo, do qual ele mesmo foi vítima, e da importância maior que esse acontecimento teve no desfecho da guerra do Peloponeso, o historiador ateniense se abstém de buscar quaisquer causas que possam ter motivado a peste. Nenhum deus, então, parece ter conjurado a peste para a desgraça dos atenienses. Tucídides, inclusive, realça a ideia de que não tenha havido qualquer temor aos deuses durante a peste que restringisse os atos dos homens, pois era notável que não havia diferença entre aqueles que os adoravam ou não: todos eram acometidos pelo mal sem distinção²⁷.

De maneira semelhante, Amiano relata a peste que se apoderou da cidade de Amida²⁸, atual Diyarbakir na Turquia, durante o cerco que os Persas infligiram à cidade romana. Como de costume, nosso historiador faz paralelos com eventos da Antiguidade grega e menciona a peste que se alastrou pelo acampamento grego durante a guerra de Tróia. Entretanto, enquanto Homero canta que a pestilência se devia à fúria de Apolo, que com suas flechas a espalhava entre os gregos²⁹, Amiano crê que as setas de Apolo sejam uma referência aos raios do sol, uma vez que “eminentes médicos” ensinaram que as pestilências têm origem no excesso de calor ou frio. Para dar ênfase a essa ideia, Amiano cita a peste de Atenas, e que Tucídides afirmou que ela teria vindo das tórridas regiões da África.

O calor, então, teria causado a peste de Amida, que desapareceu dentro de dez dias com uma chuva que refrescou o ambiente. Em circunstâncias semelhantes às daquelas de Atenas, Amiano não vê sinal de qualquer malquerença dos deuses para com os romanos, ou da interferência deles em favor dos persas. Assim, fica claro que Amiano compartilha com Tucídides a aversão ou ao menos o desdém a explicações e narrativas lendárias, fabulosas ou mitológicas (τό μυθώδης), assim como sua visão de que o enfoque da obra histórica deve ser nas ações dos homens, dignas de permanecerem na memória como honrosas ou ignominiosas.

²⁶ NISKANEN, P. V. *The Human and the Divine in History: Herodotus and the Book of Daniel*. Londres, Nova York: T&T Clark International, 2004. pp. 93 – 103.

²⁷ Tuc. II, 53. A narrativa da peste se encontra entre os parágrafos 47 e 54.

²⁸ Am. Marc. XIX, 4.

²⁹ Hom. *Iliada*, I, 43 – 51.

3. Entre acaso e justiça: a ação da Fortuna no império na obra de Amiano Marcelino.

Apesar de todo esse debate, parece claro que a partir do livro IV de Tucídides um novo princípio capaz de transformar o curso dos acontecimentos aparece: a Tique (Τύχη), deusa do acaso. É assim que o historiador ateniense descreve a causa da tempestade que se abateu sobre uma nau ateniense enquanto Eurímedo e Sófocles discutiam com Demóstenes; os dois queriam se apressar para a cidade de Córcira, que estava em perigo, enquanto o último queria desviar a rota para Pilos, visando assegurar essa posição antes de seguirem viagem. A tormenta os desviou “por força do acaso (κατὰ τύχην)” para Pilos. Parece importante acentuar esse evento fortuito, pois a construção do forte em Pilos teve um papel crucial no desenrolar dos acontecimentos que culminaram com a Paz de Nícias.

Tique passou a ter grande importância no panteão grego na medida em que o culto aos deuses tradicionais foi diminuindo. Seu culto foi largamente difundido durante o século IV a.C., quando crises políticas no mundo grego incitaram a crença de algum princípio aleatório e irracional que operava no universo dos homens. Por isso, muitas vezes a deusa é retratada com os olhos vendados³⁰. Seu par no panteão latino é a Fortuna, representada primeiramente com uma roda ou timão, com o qual guia o destino dos mortais, ícone que posteriormente foi incorporado ao seu par grego no século I d.C.³¹

A roda originalmente tem um caráter totalmente fortuito e, na iconografia da deusa parece representar os altos e baixos que os humanos têm no decorrer de suas vidas, como deixam claro os escritores do período tardo-republicano³². Há ainda outros atributos: a cornucópia, que representa a abundância que a deusa pode trazer, e o globo, que representa a *oikouménē* grega ou o *orbis terrarum* romano sobre o qual a divindade exerce poder e influência. A Fortuna repousando o timão sobre o globo parece ter sido uma formulação imperial que se tornou padrão.

No período imperial tardio, no entanto, houve um forte sincretismo entre a Fortuna ou Tique com Nêmesis, divindade alada que encarna a justiça ou redistribuição, de modo que as reviravoltas nos acontecimentos acabaram por não serem mais vistas como mero acaso, mas como uma compensação por algum excesso. Um dos autores da História Augusta crê que Nêmesis seja, de fato, “certa força da Fortuna (*vis quaedam Fortunae*)”³³. Marciano Capela iguala em sua obra sobre as sete artes liberais três divindades que controlam o destino dos homens: Tique, Nêmesis,

³⁰ “Tyche” in: GRIMAL, P. *The Concise Dictionary of Classical Mythology*. Cambridge: Blackwell, 1990 e MARCH, J. R. *Dictionary of Classical Mythology*, Oxford: Oxbow, 2014.

³¹ ARYA, D. A. *The Goddess Fortuna in Imperial Rome: Cult, Art, Text*. Tese de PhD defendida em 2002 na Universidade do Texas, 2002. p. 68 – 89.

³² Cícero, *Contra Pisão*, 22 e Tíbulo, *Elegias*, I, 5, 70.

³³ SHA, Max. E Balb. 8, 6.

Sors e Nortia (deusa etrusca com as mesmas atribuições da Fortuna) e realça suas características inconstantes e volúveis³⁴.

Todavia, essa fusão não é característica apenas do século IV e V d.C, ela pode ser observada anteriormente, fora do meio literário, na maneira popular de culto a essas divindades. Na Dácia, uma inscrição votiva de um legado legionário chamado Pistório Rugiano é dedicada “à deusa Nêmesis **ou** Fortuna (*Deae Neme/si sive For/tunae*)”³⁵ e pode ser datada de 238 – 244. Já na época antonina a deusa Nêmesis era representada com muitos dos atributos da deusa Fortuna, notadamente a roda, como podemos ver nesta estátua (figura 1) encontrada no Egito, que curiosamente foi esculpida com os traços faciais de Faustina, e a roda repousando sobre o orbe, simbolizando a primazia desse princípio divino sobre o mundo dos mortais. Isso indica que já muito cedo o sincretismo entre as duas divindades ocorria mesmo no âmbito dos cultos imperiais.

Na obra de Amiano Marcelino, esse princípio também opera. A diferença é que a Fortuna da Antiguidade tardia não tem mais – como expusemos – a mesma natureza e as características da Tique encontrada no século V a.C. nos escritos do ateniense Tucídides. Ela já não apresenta os olhos vendados, mas, tendo sido apresentada como “moderadora da sorte dos homens (*moderatrix humanorum casuum*)”³⁶, a deusa havia se tornado vingadora dos excessos, da imoralidade, da lascívia e da falta de virtude, ao passo que era também gratificadora das virtudes e da moral.

Isso fica bem claro numa célebre digressão do livro 14, em que Amiano Marcelino descreve os hábitos da população da capital do império. Na concepção do historiador greco-romano, há um passado glorioso de Roma em contraste com a cidade degenerada de seu tempo, na



Figura 1: Nemesis alada com atributos da Fortuna e as feições da imperatriz Faustina pisando sobre um transgressor (exposta em Getty Villa, galeria 107, monstros e divindades menores).

³⁴ Marc. Capel. I, 88.

³⁵ *CIL* III, 1125 = *ILS* 3736 = *IDR* III, 5, 294.

³⁶ Am. Marc. XV, 5, 1.

qual as massas se revoltam por causa da escassez de vinho (que elas consumiam imoderadamente), e onde abundavam tavernas e outras frivolidades. E, para ele, não foi pela força do acaso que o Império Romano veio a ter tamanha grandeza:

Num tempo em que Roma, que há de viver enquanto existirem os homens, se levantava dos primeiros auspícios ao esplendor do mundo, **a Fortuna e a Virtude, muitas vezes divergentes, chegaram juntamente a um acordo de paz eterna** para que a cidade se elevasse a patamares sublimes, de maneira que se uma delas tivesse desertado, esta não teria chegado à supremacia perfeita. (AMIANO MARCELINO XIV, 6, 3)

Na concepção do historiador, entretanto, em algum momento a virtude romana se esvaiu. A época em que comandantes militares, soldados, homens de Estado e cidadãos comuns eram mais virtuosos, o que fez com que o império tivesse sua grandeza, havia passado. “Disso, porém, não se duvida” afirma o historiador, “que quando **outrora Roma era morada de todas as virtudes**, uma variedade de nobres recebia estrangeiros livres através das mais variadas gentilezas do espírito humano.”³⁷ Em seu tempo, ele via frivolidade nas casas dos nobres que, em seus banquetes luxuosos, viviam cheias de músicos e atores, que substituíam filósofos e professores de retórica enquanto “as bibliotecas permanecem fechadas para sempre como tumbas”³⁸.

Dentre aqueles mais pobres, os vícios também encontravam espaço, acostumados a “passar a noite inteira em casas de vinho” e “sob os toldos dos teatros obscuros”³⁹, a plebe se perdia em querelas por causa de jogos de dados e na fascinação pelas corridas de bigas. Segundo o historiador, toda essa imoralidade e futilidade, que não estavam restritas a uma camada social específica, mas permeavam a sociedade como um todo, “não permitem que nada de memorável ou sério seja realizado em Roma”⁴⁰. Houve, portanto, um rompimento do acordo alegórico entre Fortuna e Virtude narrado por Amiano Marcelino neste capítulo, o que fez com que a deusa se enfurecesse com os Romanos.

Com efeito, já na primeira vez em que a deusa é evocada no primeiro livro remanescente da obra de Amiano, ela aparece raivosa, desferindo flagelos “nos interesses comuns por causa de muitos célebres e terríveis crimes do César [Constâncio] Galo”, pois ele “corrompia tudo com desmedida rudez, **ultrapassando os limites** do poder que lhe foi conferido”⁴¹. Segue-se então uma longa enumeração de coisas imorais e excessos que o César teria praticado e que justificariam a ira da deusa; falsas acusações de bruxaria e de conspiração contra o imperador apresentadas contra inocentes, julgamentos sem provas e busca imoderada por poder. Amiano chega até mesmo a

³⁷ Am. Marc. XIV, 6, 21.

³⁸ Am. Marc. XIV, 6, 18.

³⁹ Am. Marc. XIV, 6, 25.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Am. Marc. XIV, 1, 1.

afirmar que Constâncio Galo percorria tabernas e espeluncas disfarçado durante a noite em Antioquia, comparando-o com Galieno, tido pela posteridade como um imperador devasso e incompetente⁴², o qual teria feito a mesma coisa em Roma, durante seu reinado no ápice das crises do século III.

Como resultado disso, uma das desgraças que se abateram sobre o Império Romano foi a irrupção dos Isaurianos que, segundo Amiano, se revoltaram com o tratamento dado a alguns membros de seu povo capturados e jogados às feras no anfiteatro de Icônio, na Pisídia⁴³, sendo que desde 325, sob o reinado de Constantino, a cruel *damnatio ad bestias*, uma das penas capitais previstas no direito romano, havia sido substituída pela pena de trabalho forçado nas minas para que os condenados pudessem pagar por seus crimes sem derramamento de sangue⁴⁴. A revolta, ocorrida em 354, não foi uma mera incursão de rapinagem, mas uma verdadeira operação de guerra, na qual cidades litorâneas ricas foram sitiadas. Nesse contexto, os Isaurianos aparecem quase que como uma força da natureza, tal qual a tempestade conjurada pela Tique no texto de Tucídides. Amiano os compara a bestas famintas, que se dirigiam para as cidades litorâneas, “tendo descido das montanhas igual a um tufão (*instar turbinis degressi montibus*)”⁴⁵.

Por outro lado, a deusa não apenas pune o mau governante, mas favorece aquele que se mostra virtuoso. Há exemplos de homens valorosos na obra de Amiano; o general Ursicino, sob cujo comando o historiador havia servido como parte dos domésticos (guarda de elite do imperador), e aquele que, se não podemos identificar como seu grande herói, devemos ao menos admitir como uma figura pela qual Amiano nutria grande admiração: Juliano. Depois do assassinato de Constâncio Galo a mando de Constâncio II em 354, Juliano foi nomeado César na Gália em 355, onde obteve vários sucessos militares.

O livro 16 é uma descrição das virtudes do jovem combatente que, segundo o próprio historiador, quase pertence ao domínio do panegírico: Juliano observa a *mos maiorum*, é louvado como um segundo Tito (filho de Vespasiano), combatente como Trajano, clemente como Antonino Pio, ponderado como Marco Aurélio. Ele havia imposto a si mesmo uma moderação rígida, como se seguisse as leis de Licurgo, de maneira que sua vida austera era comparável com a de Catão. O jovem Juliano dividia suas noites em três, como Alexandre: descanso, assuntos de Estado e estudos. E ele era tão dedicado em suas tarefas que que Amiano o chama de filósofo.

Aos olhos de Amiano, portanto, Juliano leva consigo a herança de uma antiguidade valorosa. Ele encarna o ideal do homem de Estado de uma “era de ouro” do mundo clássico com

⁴² Sobre isso, um artigo meu com o título “A imagem do imperador Galieno (r. 260 – 268) e o peso de um século conturbado” está em curso de publicação.

⁴³ Am. Marc. XIV, 2, 1.

⁴⁴ Lei do *Cod. Theod.* XV, 12, 1.

⁴⁵ Am. Marc. XIV, 2, 2.

todas as suas qualidades civis, militares e intelectuais. Era como se aquele pacto de paz alegórico mencionado anteriormente fosse reestabelecido. Por isso é natural que ele conseguisse os favores da deusa, ao ter se elevado ao *augustato* e se tornado o único regente do império depois da morte de Constâncio II em 361:

Mas Juliano, tendo-se elevado mais por conta de seus sucessos, uma vez que havia se tornado experiente por conta dos perigos constantes, já aspirava ficar acima dos homens, pois justamente enquanto ele comandava o mundo romano tranquilamente, **a Fortuna, como que trazendo uma cornucópia terrestre, lhe oferecia todas as coisas gloriosas e prósperas;** (...) enquanto tivesse o poder sozinho, não seria perturbado por revoltas internas nem qualquer um dos bárbaros lançar-se-ia para além de suas fronteiras. Todos os povos, tendo deixado de lado a cobiça de atacar constantemente como algo danoso e pernicioso, inflamavam-se com admirável esforço em louvores a ele. (AMIANO MARCELINO XXII, 9, 1)

Mais uma vez percebemos o poder da deusa de influenciar os ânimos dos homens, principalmente dos inimigos do Império Romano, de maneira que eles se tornam quase que uma força da natureza para cumprir os seus desígnios. Este período, que parecia recordar os tempos áureos em que o Império Romano era dirigido por homens que o historiador considerava dignos de receberem as glórias da Fortuna, brevemente chegou ao fim. O último imperador pagão morreu no cerco a Ctesifonte, capital do Império Sassânida, em 363, o que gerou grande comoção em Amiano. Os sucessores de Juliano, os irmãos Valentiniano e Valente, dividiram os encargos da administração imperial; o primeiro se encarregou do Ocidente e o último da parte oriental do império.

A última aparição da deusa Fortuna na obra de Amiano Marcelino ocorre no clímax de sua narrativa, no livro 31, quando a ela é dado o seu mais importante papel. Apesar de Valentiniano ter morrido e muitas coisas terem acontecido no Ocidente com a elevação de seu filho Graciano, de apenas 19 anos, à dignidade de Augusto, o livro se volta quase que totalmente a eventos ocorridos no Oriente sob o comando de Valente. Tal mudança narrativa é compreensível, uma vez que Amiano busca explicar detalhadamente o complexo encadeamento de fatos e a origem da série de males que levaram à batalha de Adrianópolis (378), uma das maiores da história do império, na qual pereceram cerca de dois terços do exército romano da parte oriental.

Valente é bem diferente de seu jovem e valoroso sobrinho, e praticamente representa a antítese de Juliano; Amiano o caracteriza como rude e inconsumado (de educação incompleta), imoderado cobiçador de grandes riquezas, insensível e inclinado à crueldade⁴⁶. Por isso, logo no início deste livro, a Fortuna aparece mais uma vez mudando o curso dos acontecimentos do Império de maneira negativa. Sua roda aparece armando “Belona com as Fúrias chamadas em assembleia”⁴⁷ para trazer desgraças para o Oriente. Belona é uma divindade alegórica que representa a guerra em si, com todas as suas misérias, crueldade e horror; as Fúrias, por sua vez, são divindades que levam

⁴⁶ Am. Marc. XXXI, 14, 5; 8.

⁴⁷ Am. Marc. XXXI, 1, 1.

a cabo a vingança contra os mortais, geralmente por conta de algum derramamento de sangue⁴⁸. De fato, logo mais Amiano menciona as aparições do “medonho fantasma do rei da Armênia”, assassinado numa emboscada a mando do próprio imperador⁴⁹, e as “miseráveis sombras dos que morreram pouco antes no processo de Teodoro”, acusado injustamente de ambicionar a púrpura imperial, torturado e executado em Antioquia junto aos seus⁵⁰.

Tudo isso apontava para a morte do imperador em uma grande catástrofe, além de uma série de outros presságios, como o canto lamurioso dos pássaros noturnos, o amanhecer enfraquecido e opaco dos dias e uma profecia encontrada numa das pedras da muralha da Calcedônia⁵¹. É sob essas circunstâncias que são mencionados os hunos, de fato, é a primeira menção a eles que temos notícia nos documentos latinos. Também aqui eles aparecem quase como uma força da natureza controlada pela deusa, a “semente de toda a destruição e origem de desgraças diversas”⁵². Descritos como “bestas bípedes”, semelhantes a “animais irracionais que ignoram completamente seja o honesto seja o desonesto”⁵³, os hunos avançam violentamente sobre os povos do Danúbio inferior, massacrando-os “como uma tempestade vinda dos altos montes (*ut turbo montibus celsis*)”⁵⁴.

Os godos, destruídos pelos hunos, pediram asilo para Valente, a fim de que os refugiados pudessem atravessar o rio e se estabelecer na Trácia. O imperador movido pela ganância e influenciado pelos bajuladores da corte, segundo Amiano, acatou o pedido, pois acreditava que, ao se estabelecerem em solo romano, os refugiados seriam uma fonte valiosa de recrutas para engrossarem as fileiras do exército ou deveriam trocar essa obrigação por uma contribuição em ouro⁵⁵. Assim, os godos foram recebidos e, depois de serem oprimidos por oficiais romanos corruptos, imorais e gananciosos, que segundo Amiano vendiam aos godos ou trocavam por escravos o auxílio enviado pelo imperador que deveria ser distribuído entre os refugiados, uma revolta irrompeu perto de Marcianópolis. Lupicino, que comandava o exército na região, em vez de ponderar um plano de ação, agiu irrefletidamente e com imprudência, o que fez com que o exército amargasse a primeira grande derrota depois da travessia dos godos.

Aos olhos do historiador, tudo isso foi resultado de uma série atitudes desmedidas e injustas tomadas por homens corrompidos moralmente; da ambição desmedida de Valente à

⁴⁸“Bellona” e “Furies” in: GRIMAL, P. *op. cit.* e MARCH, J. R. *op. cit.*

⁴⁹Am. Marc. XXX, 1, 1.

⁵⁰Am. Marc. XXIX, 1, 8 – 14.

⁵¹Am. Marc. XXXI, 1, 2; 5

⁵²Am. Marc. XXXI, 2, 1.

⁵³Am. Marc. XXXI, 2, 2; 11.

⁵⁴Am. Marc. XXXI, 3, 8.

⁵⁵Segundo uma lei de Valentiniano, Valente e Graciano, *Cod. Theod.* 7, 13, 7, 1. *Sóc. Con.* XIII, 34 afirma que este valor era de oitenta peças de ouro por soldado. Amiano critica duramente essa lei de recrutamento em XIX, 11, 7.

ganância dos oficiais encarregados da travessia. No entanto, Amiano critica aqueles que afirmavam que nunca antes teria se abatido tão grande desgraça sobre o Império Romano, pois eles desconheciam a antiguidade. Ele menciona as Guerras Címbricas ocorridas no período da República, nas quais os Romanos sofreram as duras derrotas de Noreia e Arausio em 105 a.C. Mas os inimigos “foram vencidos nas últimas batalhas por comandantes ilustríssimos” e aprenderam “o que vale o poder de Marte [coragem] associado à prudência”⁵⁶, qualidades que obviamente Lupicino não tinha. Amiano ainda menciona outras grandes derrotas sofridas pelos Romanos; nas Guerras Marcomanas e as invasões góticas no mar Egeu durante a segunda metade do século III. Mas todos esses reveses foram superados por comandantes valorosos como Cláudio II, Aureliano e Marco Aurélio por um motivo claro:

(...) que **a sóbria antiguidade ainda não havia sido corrompida pela moleza da vida mais desenfreada** nem cobiçava banquetes ambiciosos ou favores escandalosos, mas pelo ardor unânime, os mais humildes e os mais ilustres, concordantes entre si, apressavam-se para a elegante morte em prol da República tanto quanto para alguma passagem tranquila e plácida. (AMIANO MARCELINO XXXI, 5, 14)

A falta de sobriedade e ponderação, junto à ambição desmedida, acabou por ser em último caso o principal motivo da grande derrota em Adrianópolis, da qual o desastre em Marcianópolis foi apenas um prelúdio. Depois de ter reunido grande contingente do exército da parte oriental do Império nas cercanias da cidade, Valente subestimou as forças góticas. E tendo se deixado levar pelas opiniões daqueles que o exortavam a ir ao combate imediatamente, para que recebesse as glórias da vitória sozinho, em vez de ouvir os conselhos de Sebastiano e Victor para que esperasse pela chegada do exército comandado por seu sobrinho Graciano, Valente decide marchar intempestivamente em direção aos godos. Sem qualquer planejamento estratégico, e inteiramente movido pela ambição cega e afoita de escrever seu nome na História como o imperador que obteve uma vitória maior que a de Constantino sobre o mais formidável inimigo do Império na fronteira reno-danubiana, o imperador fez com que o exército marchasse por horas sob o sol escaldante do verão na Trácia até que entrassem em confronto com o inimigo.

Certamente essas glórias não lhe couberam. As linhas de batalha desorganizadas e sem comando foram massacradas pelos godos, de modo que nem mesmo o imperador se salvou, morrendo no meio da contenda sem que seu corpo fosse encontrado⁵⁷. Com efeito, de acordo com o pensamento histórico de Amiano, isso ocorreu porque Valente ambicionou coisas desmedidas, buscando alcançar uma glória que não estava à sua altura e para a qual ele não tinha virtudes suficientes. Com sua morte e a derrota catastrófica, a Fortuna cumpre, finalmente, seu desígnio de restabelecer o equilíbrio, a justa medida.

⁵⁶ Am. Marc. XXXI, 5, 12.

⁵⁷ Am. Marc. XXXI, 12 e 13.

Conclusão.

O estudioso da Antiguidade tardia, muitas vezes ávido por estabelecer marcos cronológicos e eventos precisos num período de fontes escassas, acorre ao texto de Amiano Marcelino buscando de certa maneira enumerar os acontecimentos *wie es eigentlich gewesen*, para usarmos a célebre expressão de Leopold von Ranke. Numa leitura dessa natureza, as menções à deusa Fortuna, Belona e às Fúrias, bem como as digressões morais sobre indivíduos ou coletividades, podem parecer meros recursos literários, cujo objetivo não ultrapasse o embelezamento do texto, com vistas a torna-lo mais aprazível.

No entanto, para que se compreendam de modo eficaz esses elementos da obra de Amiano Marcelino e seu teor moralizador faz-se necessário percorrer todos os aspectos expostos neste artigo: analisamos meticulosamente o propósito de suas *Res Gestae* em contraste com as outras produções historiográficas da época, e por conseguinte percebemos que Amiano se preocupava principalmente em prover explicações para os eventos por ele narrados. Posto isso, buscamos entender como Amiano teceu essas explicações e de qual tradição histórica ele partia: qual era sua “Filosofia da História”, por assim dizer? O resultado de grandes batalhas e as grandes calamidades tinha algum elemento divino em sua origem? Em que medida a vontade divina interfere no mundo dos homens diretamente ao longo do tempo? Quais são as forças que ele identifica como transformadoras da História? Quais são os métodos que ele usa para compor suas histórias? Tendo identificado o teor tucidideano de sua narrativa, pudemos compreender que Amiano busca apreender os fenômenos históricos mais pelas ações dos homens e os fenômenos naturais mais por explicações que podemos dizer vulgarmente “científicas” do que simplesmente aceitar a presença de um elemento divino inexorável no cerne de todos esses acontecimentos. Por isso, como Tucídides, Amiano evita todo tipo de explicação fabulosa.

Mas assim como a Tique eventualmente tem um papel crucial no desenrolar da Guerra do Peloponeso, Amiano considera que a Fortuna age no mundo dos mortais desempenhando uma função primordial em determinados momentos. Certamente esse não é um elemento divino determinístico, há ainda a primazia da ação humana na História; do mesmo modo que que Eurímedo, Sófocles e Demóstenes não teriam tido qualquer vantagem em Pilos, caso não tivessem se utilizado de sua habilidade (τέχνη) e de seu conhecimento (γνώμη) naquele momento propício, o César Juliano não teria sido tão exitoso em conter as invasões na Gália, não fossem suas qualidades. Depois de termos percorrido tudo isso, o último aspecto que exploramos para compreender o papel da Fortuna no destino do Império Romano nas *Res Gestae* foi a transformação das atribuições e características da própria deusa desde o início do seu culto até a época de Amiano Marcelino. Assim, sabendo que no século IV a deusa já tinha absorvido muitas das atribuições de Nêmesis, divindade da redistribuição, da justiça e restauradora do equilíbrio, é finalmente possível

vislumbrar que o seu papel na narrativa de Amiano é o de punir a imoralidade e premiar aqueles que se mostram virtuosos, de maneira que aqueles que não mereçam as glórias e as honras reservadas aos homens valorosos não venham efetivamente a tê-las, o que seria um excesso.

Por fim, vemos que os desígnios da Fortuna estão no cerne de muitos dos acontecimentos importantes narrados pelo historiador; da revolta dos Isaurianos à batalha de Adrianópolis. Ela manuseia o ânimo de povos que Amiano considera bárbaros, tal qual uma força da natureza para cumprir seus propósitos. Mas isso de maneira alguma diminui a ênfase dada pelo historiador à ação dos homens para compreender o resultado desses processos históricos, afinal, é a partir dela que eles merecem ou não a cornucópia da Fortuna e a honra de terem seus nomes para sempre lembrados na História.

Em suma, conceber o papel da Fortuna na narrativa de Amiano Marcelino significa vislumbrar o propósito moral de sua obra. Como ávido leitor de Cícero, certamente o historiador acreditava numa “História mestra da vida (*Historia magistra vitae*)” e que devemos ter como exemplo os homens virtuosos do passado, bem como observar aqueles que caíram em desgraça para não repetirmos os mesmos erros. Ora, é nessa esperança que depois de enumerar algumas qualidades do imperador Valente ele escreve “essas coisas devem ser imitadas por todos os bons, como penso”⁵⁸, e depois de enumerar seus vícios ele afirma “esta nódoa de vícios também nestas esferas privadas e cotidianas deve ser evitada”⁵⁹. As *Res Gestae* são, assim, uma exortação à virtude numa época que Amiano considera repleta de vícios, alertando para as desgraças trazidas pela Fortuna para aqueles que são imorais e mostrando as glórias que são trazidas para os virtuosos.

⁵⁸ Am. Marc. XXXI, 14, 4.

⁵⁹ Am. Marc. XXXI, 14, 6.

Referências

- ARYA, D. A. *The Goddess Fortuna in Imperial Rome: Cult, Art, Text*. Tese de PhD defendida em 2002 na Universidade do Texas, 2002.
- BARNES, T. D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- CAMERON, A. “The Roman Friends of Ammianus” in: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 54, 1964, pp. 15 – 28. <https://doi.org/10.2307/298646>
- ENMANN, A. “Eine verlorene geschichte der römischen Kaiser und das buch de viris illustribus urbis romae.” in: *Philologus*. N° Supplement-Band 4, Heft 3, 1884, pp. 337 – 501.
- GRIMAL, P. *The Concise Dictionary of Classical Mythology*. Cambridge: Blackwell, 1990.
- KELLY, G. *Ammianus Marcellinus: The Allusive Historian*. Cambridge: University Press, 2010. <https://doi.org/10.1093/obo/9780195389661-0115>
- KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (orgs.) *The Cambridge History of Classical Literature*. Vol. 2. Cambridge, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sidney: Cambridge University Press, 1982. <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521210430>
- MARCH, J. R. *Dictionary of Classical Mithology*, Oxford: Oxbow, 2014.
- MATTHEWS, J. *The Roman Empire of Ammianus*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.
- MODÉLAN, Y. *L’Empire romain tardif: 235-395 ap. J.-C.*, Paris: Ellipses, 2006.
- NISKANEN, P. V. *The Human and the Divine in History: Herodotus and the Book of Daniel*. Londres, Nova York: T&T Clark International, 2004.
- RENGAKOS, A. e TSAKMAKIS, A. (orgs.) *Brill’s companion to Thucydides*, Boston, Leiden: Brill, 2006.
- TAPLIN, O. *Literature in the Greek and Roman Worlds: A New Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponesian War*. Translated by Rex Warner with introduction and notes by Moses Finley, Londres: Penguin Classics, 1972.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*. Prefácio de Helio Jaguaribe; Tradução do grego de Mário da Gama Kury, Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

ZECCHINI, G. *Ricerche di storiografia latina tardoantica*. Roma: Bretschneider, 1993.